

EMBAIXO DESSA, OUTRAS CIDADES:
catimbós cruzados e ficções insurgentes em Santos Imigrantes

DEBAJO DE ESO, OTRAS CIUADES:
catimbó cruzado y ficciones insurgentes em Santos Imigrantes

BELOW THAT, OTHER CITIES:
crossed catimbó and insurgente fictions in Saint Immigrant

Thiago Costa¹



Figura 1 – Thiago Costa. *Sem título*. Desenho. 2018.

¹ É artista multimídia e diretor do videoperformance *Santos Imigrantes*.

*“teu punho sou
 exu-pelintra
 quando desdenhando a polícia
 defendes os indefesos
 vítimas dos crimes do
 esquadrão da morte
 punhal traiçoeiro da
 mão branca
 somos assassinados
 porque nos julgam órfãos
 desrespeitam nossa humanidade
 ignorando que somos
 os homens negros
 as mulheres negras
 orgulhosos filhos e filhas do
 senhor do orum
 olorum
 pai nosso e teu
 exu
 de quem és o fruto alado
 da comunicação e da mensagem”*

Trecho do poema “Padê de Exu Libertador”, de Abdias Nascimento .

O CATIMBÓ

Catimbó é uma identificação genérica de uso popular, para se referir às diversas manifestações religiosas presentes na Paraíba. Aqui, nesse texto, essa denominação é utilizada como uma das referências que nutrem a criação da vídeo-performance *Santos Imigrantes*. O texto a seguir apresenta pistas para situar o “encruzilhamento”, que se formou nesse trabalho performático e audiovisual. O vídeo pode ser acessado através dos links <https://youtu.be/44JP9xwIMT4> ou <https://vimeo.com/404468579>

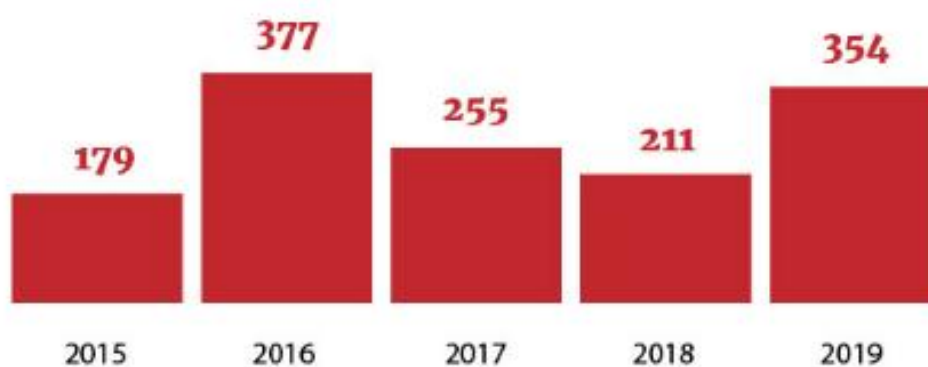
O candomblé brasileiro se forma a partir do sequestro de diversas etnias do continente africano que chegam em um novo território e trazem consigo todas as suas experiências, memórias e tradições, características indissociáveis de qualquer indivíduo cultural, a partir disso, as práticas possíveis e impossíveis foram retomadas dentro de um sistema escravagista e posteriormente, tomando outras formas no pós-abolicionismo. Banto jeje angola alaketu mina congo se encruzilharam em um território indígena. Peixes juremas caboclos guardam a história de tudo. As tradições religiosas de matrizes africanas no Brasil são uma forma de manter suas memórias,

organizações políticas de sobrevivência e planejamentos de resistência. Diversos foram os momentos de revoltas e organizações intelectuais em prol da liberdade. A revolta dos búzios, dos jangadeiros, o quilombo, as irmandades negras, dentre outras tecnologias negras. O racismo é uma tecnologia que se adapta rapidamente em todas as esferas sociais, anunciando as tensões raciais silenciosas. A colonização contribuiu para a construção de um imaginário da subjetividade dos povos negros e indígenas em que nos colocam em lugares de subalternidades, o trauma colonial reverbera em nossos glóbulos em cada segundo. As memórias disfarçadas de intuição, sonho ou pesadelo são lembranças de uma história que não alvejada do que chama de historiografia ou história oficial.

Nos últimos anos houve uma crescente em números de casos notificados de intolerância religiosa que cresceram junto com a retomada colonial brasileira do conservadorismo. Santos imigrantes é uma memória inventada, uma escuta do futuro para uma ferida aberta.

Denúncias de intolerância religiosa no Brasil

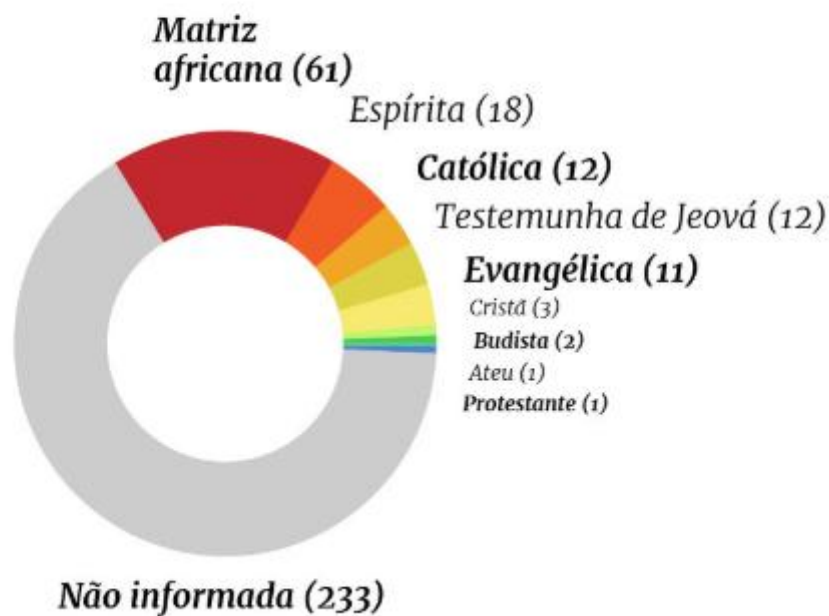
Dados do 1º semestre (janeiro a junho) de cada ano.



Fonte: Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos

Nos casos identificados, ataques a religiões de matriz africana são os mais numerosos

Fonte: Balanço Disque 100 - Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos



A liberdade religiosa é garantida pela Constituição de 1988 e está descrita no artigo 5º, que possui 77 incisos sobre os direitos fundamentais garantidos aos cidadãos.

O artigo 5º, em seu sexto inciso, afirma que:

Inciso VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

IMAGINAR PARA ESCAVAR FÓSSEIS

A ficção como dispositivo para tensionar as estruturas sociais e possibilitar a construção imagética de mundos possíveis, reformas do ser e outras cidades torna a obra Santos imigrantes como um fio condutor entre o mundo das possibilidades e impossibilidades, o filme habita o entremeio do tempo se deslocando da própria paisagem, acendendo a sua presença em

tons de vermelho. Um corpo transitório de presença assentada nas ruas, frames se cruzam com ações em direita e esquerda. Ebó high tech.

A série performativa do artista intitulada de “Problemas e aspirações do negro brasileiro”, é uma tríade de trabalhos que estão divididas em três atos. 1. Santos imigrantes, 2. Exposição BANZO, 3. Livro Obé – Poesias y Oríkis. Tal título vem de uma manchete publicada em 24.03.1946 no Diário Trabalhista, expondo o momento em que atos racistas eram denunciados por parlamentares em meio aos debates da Constituinte de 1946 e que em contraponto naquele momento havia uma produção brasileira intelectual massiva da população negra. A partir disso, a série performativa entende as linguagens artísticas como ferramenta de discurso e poder e se propõe a investigar as relações do corpo-encruzilhada na produção de conhecimento e suas performatividades nos meios de comunicação.

Gravado em Julho de 2018 em São Paulo, a obra tem uma interface múltipla, participou de festivais de cinema, videoperformance, videodança e galerias. A poética do filme nasce a partir de processos resultantes das vivências com o candomblé brasileiro e sobre as diásporas que herdamos. Você tem um minuto para ouvir a palavra de exú? É com essa indagação que o filme constrói seus diálogos manipulando imagens de outrora e buscando respostas em uma estação de metrô. O trânsito e as encruzilhadas estão presentes a cada lâmina. O filme aponta para uma sinestesia, a direção de fotografia apresenta texturas e um mergulho em vermelho, a trilha de segundo a segundo nos ambienta e constrói uma paisagem sonora, aguerê na feira ilú na partida. O nome do filme é um deslocamento que traz para o centro o trânsito afrodiaspórico como resultante da construção de nossas identidades e crenças, refletir sobre a vinda dos nossos santos para esse território. Como acessar e reconstruir memórias ancestrais desterritorializadas? Fazer o registro do próprio tempo, aquilombando a linguagem e imaginários, dialogando com as temporalidades e traçando paralelos cinematográficos convergindo com a experiência coletiva. Pensar cinema como um ofá ou abébé para mirar o devir de nossas vidas, caminhos

possíveis, encruzilhadas herdadas por uma remanescência de sistemas de colonização e escravização. Produzir pensando na cura do trauma colonial, como ressignificar experiências e memórias que se apresentam no intuir? Santos imigrantes é uma obra que compartilha experiência e registros da cidade, acende as grandes pequenezas, como um ponto de visão de um espaço de trocas e de manipulação das imagens e da história visual, passando pela investigação corporal, materiais e territoriais. Trazendo esse corpo na cidade para uma zona de ficção como um dispositivo de imaginação e paisagem.



Figura 2 - Abdias Nascimento em entrevista ao professor Guerreiro Ramos, sociólogo do Departamento Nacional da Criança, no momento em que atos racistas eram denunciados por parlamentares em meio aos debates da Constituinte de 1946.

Fonte: Diário Trabalhista, 24.03.1946, p. 6.



Figura 2 – Thiago Costa. Manipulações para lambe-lambe. 2018. Colagens.



Figura 2 – Thiago Costa. Manipulações para lambe-lambe. 2018. Colagens.

O VERMELHO: INTUIÇÃO É MEMÓRIA

No início a obra traça um paradoxo que a partir da contraposição em que percebe-se a diferença textual de quando os negros escrevem sobre suas histórias e como se projetam na grande mídia e de quando a população negra é retratada pela mídia hegemônica, o filme se passa em 2030 onde projeta a criação de uma cidade em que as religiões de matriz africana se naturalizaram e o seu culto assim como suas expressões estão “legalizadas” de modo que parodiando práticas pentecostais de captação de fiéis, um transeunte distribui panfletos com um trecho do texto “Padê exú libertador” do Abdias do Nascimento, um poema oração.

Santos imigrantes registra algumas horas do dia de José, um rapaz novo, recém chegado com sua família em São Paulo, todos vindo Recife. Todos os dias, de forma religiosa José saía de casa para distribuir a palavra sagrada de Exú. José contrariava os estereótipos masculinos que eram impostos sobre seu corpo, sobretudo sobre o seu orixá.

A performance foi um dispositivo essencial para criar o roteiro e a narrativa do filme, o corpo como paisagem seguindo os fluxos dos agoras, capturando instantes estabelecendo uma relação com a câmera e com o presente. Estabelecendo sentido com as informações pré-existentes na cidade, assim construindo um diálogo a partir do pensamento coletivo e direcionando intenções a partir do que o filme se propunha a discutir. São Paulo é uma cidade com mensagens e telefones por todos os lados, uma cidade que a comunicação sobressai aos olhos, a direção de arte foi construída com trabalhos visuais em lambes, stickers e panfletos. Na intenção de aplicar na cidade essas formas e esses tons, pensando assim na nossa necessidade visual de icnografias cotidiana, descamuflando a presença e as influências diaspóricas na construção do vocabulário visual do Brasil.

*



Fonte: Arquivo pessoal do artista



Fonte: Arquivo pessoal do artista



Fonte: Arquivo pessoal do artista

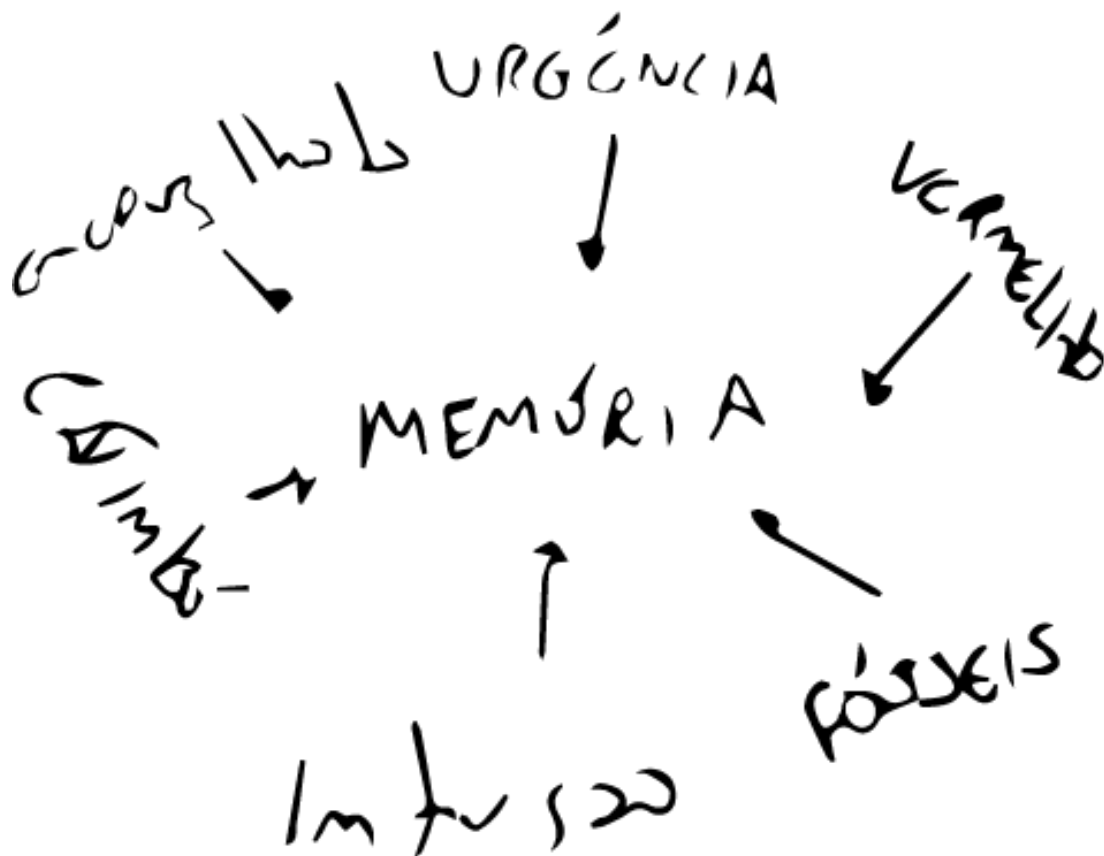


Fonte: Arquivo pessoal do artista

ECRUZILHAMENTO: MEMÓRIA INVENTADA PARA URGÊNCIA SENTIDA

Dentro de um panorama de linguagens artísticas o cinema é uma linguagem recente na história da arte, os altos custos para o trabalho com o cinema tornam o audiovisual, feito por pessoas negras e indígenas, vanguardista e revolucionário, sobretudo há a urgência em mudar os prismas das histórias, cavar e investigar outros pontos de partidas das narrativas. A necessidade de utilizar as nossas escrivências, como diz a Conceição Evaristo, para construir práticas educativas de imaginar futuros

e servir para a construção da memória oral e ficcional é necessário para um novo mundo que se inaugura.



Fonte: Arquivo pessoal do artista

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.

Publicado em junho de 2020.